

## O PROJETO EXISTENCIAL DO HOMEM

Rodolfo Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O homem é um ser que a todo instante busca definir sua identidade a partir de escolhas e ações que definem a sua conduta como um ser existente. Essa busca, apresenta o indivíduo como um ser inacabado, cuja existência se encontra em um estado permanente de transformação e que se realiza quando o homem almeja ou personifica-se em fatores que não condiz com a sua própria natureza de ser. Assim, este movimento de transformação, põe em risco a autenticidade que o indivíduo é, pois, para ser o que deseja, o homem necessariamente precisa negar aquilo que ele é, para se tornar o que projetou como caminho para definir sua essência. O filósofo francês Jean-Paul Sartre, refletiu em seu pensamento esse fenômeno da ação humana, conceituando de má-fé, buscando relacionar com a liberdade que é a condenação do indivíduo, bem como, suas modulações nas ações, que busca a todo instante uma identidade autêntica. Porém, nessa busca quando age negando sua própria condição de ser para-si (homem), equipara-se a um ser em-si (objeto). Neste itinerário, existem também outras modulações que são manifestadas ao longo da existência humana, como: a consciência que opera de forma livre, as escolhas que são feitas, a angústia, o sentimento de peso da total liberdade e a responsabilidade por ser homem. Tais categorias são visíveis ao ser do homem quando este realiza o projeto para seu futuro. Neste itinerário, conclui-se, portanto, que o homem se revela como um ser inacabado porque busca sempre se encontrar, mas nunca deixa de querer ser o que ele não é, caindo sempre na condição de má-fé como tentativa de fugir das responsabilidades e da liberdade que possui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência, Liberdade, Má-fé, Responsabilidade.

### INTRODUÇÃO

A existência do homem é marcada por escolhas realizadas a partir do exercício pleno da liberdade. O indivíduo é lançado no mundo como um ser que se projeta e que busca a partir da consciência uma fuga de sua liberdade como consequência das escolhas. A tentativa de fuga foi sempre uma maneira estratégica que o homem encontrou para se eximir de sua liberdade, de modo que além de ainda ser uma conduta atual é também vista como algo comum entre os seres.

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (2019). Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: rodholfonascimento@gmail.com

Neste sentido, a problemática debatida gira em torno da ação do homem como um ser que se esconde de sua própria liberdade, atribuindo aos outros suas próprias responsabilidades.

Tendo em vista os modos em que o homem se apresenta para o outro e para si, busca-se refletir o seguinte questionamento: qual é a relação da má-fé com a liberdade na filosofia sartreana e em que medida o problema da má-fé se vincula ao exercício da liberdade?

A partir de suas obras *O Existencialismo é um Humanismo* (2014) e *O Ser e o Nada* configura-se esta pesquisa, que aqui possui o objetivo de refletir o fenômeno da má-fé e sua relação com a liberdade, bem como, demonstrar como o indivíduo atua no ato de má-fé. Com isto, busca-se seguir uma estrutura cronológica para o entendimento de seu pensamento, sobretudo das temáticas mais exploradas neste trabalho. Assim, o procedimento metodológico está centrado na compreensão do fenômeno da má-fé, utilizando-se das obras bases de Jean-Paul Sartre como principal mecanismo de pesquisa.

## 2 O INDIVÍDUO E A MÁ-FÉ

Depois de conhecer as estruturas ontológicas que compõem o indivíduo, Sartre apresenta em sua filosofia um conceito que deriva da fenomenologia: a liberdade e a consciência, ambas, formam no homem por meio de sua negatividade em relação ao ser, o que Jean-Paul chama de fenômeno da má-fé.

Como visto anteriormente, o indivíduo é livre e consciente para projetar o seu futuro, e há na construção das escolhas a possibilidade desse projeto não se concretizar de forma coerente, por ser próprio da natureza da consciência “[...] ser aquilo que é e não ser aquilo que é” (GOX, 2011, p. 121) em outros termos, querer ser um outro que não é.

A personalidade do indivíduo constitui um fator de grande importância para a formação de sua identidade, como também para a relação com os outros indivíduos que o circundam por meio de ações e escolhas que o compõem. A busca por uma autenticidade é um problema comum na maior parte das pessoas, pois requer de cada indivíduo uma autêntica postura de sua conduta que condiga com a realidade em que se apresenta para si e para os outros. Porém, nem sempre as ações estão em consonância com aquilo que deveria ser, pois o

homem por meio de sua moral realiza opções que muitas vezes fogem do padrão oferecido como caminho ideal para as relações sociais.

A transparência das ações é, sem sombra de dúvidas, uma das maneiras de revelar aquilo que propriamente se diz sobre o homem e sua conduta, porém, há por trás de cada um algo que nem sempre é de fato aquilo que foi revelado, mostrando um lado de inautenticidade baseado em sua negação de ser. Essa constante mudança da realidade humana de autonegação, constitui no para-si a fuga da liberdade e da responsabilidade, visto que, são estruturas inerentes da própria existência do homem. O pensador Huisman, tratando dessa problemática, apresenta em linhas gerais os tipos de seres que o homem é e se torna a partir de suas escolhas.

Esta é uma das grandes originalidades do pensamento sartreano: todo homem que recusa “existir” no sentido pleno da palavra, ou seja, ser “livre, responsável e sem desculpas” cai instantaneamente num “estado” no qual se vai comprazer, uma espécie de “facticidade”, de “aparência enganosa”, de “inexistência” que Sartre chama de “má-fé”. Em outros termos, a humanidade vai dividir-se entre aqueles cuja existência será *autêntica*, que assumirão inteiramente sua consciência de ser (seu “para-si”) e aqueles que, recusando assumir seu para-si, se refugiarão no “em-si” tornando-se o que Sartre chama “cafajestes” *inautênticos* e de má-fé. (HUISMAN, 2001, p. 140-141, grifo do autor).

Pode-se compreender por meio do autor da citação anterior, que o homem na condição de má-fé é um ser que não possui legitimidade em sua própria constituição de ser, pois sempre busca estar se equiparando ou assemelhando-se em fatores externos que não são o seu modo de ser, ou seja, o para-si que cada um é em particular. Dessa maneira, além de recusar sua própria liberdade que o determina, o homem também coloca nos fatores externos suas responsabilidades, o que o faz cada vez mais distanciar-se de sua própria realidade de ser para-si e se transforma, ou personifica, em outro que não é ele próprio.

### 3 AS CONDUTAS DE MÁ-FÉ

Para ilustrar o fenômeno da má-fé por meio de ações concretas, Sartre apresenta em sua obra *O Ser e o Nada* alguns exemplos que demonstram de forma mais nítida as ações morais que levam uma pessoa a agir de má-fé. Tais condutas representam as personalidades

que cada indivíduo assume para fugir de sua própria realidade existencial de ser e com o intento de se esconder daquilo que o homem tem e não pode deixar de ter, a liberdade. Com isso, o homem busca ser aquilo que ele não é, mas que deseja ser inspirado em outros seres ou até mesmo para tirar proveito de algo que não possui.

Dentre os exemplos utilizados por Sartre, destaca-se o da mulher em seu primeiro encontro, que de antemão “já sabe perfeitamente as intenções que o homem que lhe fala tem a seu respeito. Também sabe que, cedo ou tarde, terá de tomar uma decisão” (SARTRE, 2015, p. 101). Essa é uma das características da má-fé, saber conscientemente aquilo que está fazendo, pois “a consciência pode conhecer e conhecer-se” (SARTRE, 2015, p. 22). É nesse sentido que as pessoas só agem ou caem em má-fé quando têm consciência do que estão fazendo, caso contrário o homem estaria agindo em sua pura legitimidade.

É importante destacar que durante a aproximação do homem com a mulher, o mesmo se comporta de forma educada, o que a faz aceitar sem nenhum problema. Porém, o homem realiza uma atitude que coloca em questão um passo decisivo para a mulher, que de tal modo comprometerá sua conduta diante da ação que realizará.

Mas eis que lhe seguram a mão. O gesto do seu interlocutor ameaça mudar a situação, provocando uma decisão imediata: abandonar a mão é consentir no flerte, comprometer-se; retirá-la é romper com a harmonia turva e instável que constitui o charme do momento. [...] a jovem abandona a mão, mas não percebe que a abandona. (SARTRE, 2015, p. 101-102).

Pode-se perceber que a ação da mulher em retirar a mão, mas não percebendo que a deixou, é apresentar sua mão como um objeto qualquer, ou seja, excluir a possibilidade de sua mão é transmitir aquilo que parte de sua subjetividade enquanto ação, isto é um ponto crucial do indivíduo em relação à má-fé. As atividades que se realizam de forma direta em relação ao corpo é um mecanismo para revelar aquilo que está expressamente ligado à consciência do sujeito, ou seja, as ações são meios que revelam a intimidade do homem, diferente dos objetos, que por si só não conseguem agir, precisam de um agente ativo para prosseguir com sua ação. Acerca dessa relação da mão com a consciência, Gary Gox vai dizer comentando o exemplo apresentado pelo filósofo francês Sartre:

Os objetos não agem, eles são agidos por algo, mas as mãos não são objetos, pois elas expressam diretamente a consciência à qual pertencem. Quando uma pessoa é

consciente e em controle de seus membros (isto é, ela não sofre de contrações involuntárias, etc.), tudo que suas mãos fazem ou deixam de fazer são ações suas, pelas quais somente a pessoa é responsável. As mãos de uma pessoa, o corpo de uma pessoa, são partes e parcelas de uma consciência corporificada que tem seu ser através da transcendência ativa de sua corporificação (GOX, 2011, p. 128).

Em tese, pode-se dizer que a mulher encontra-se em má-fé, pois em primeira instância mesmo se esquivando da ação do homem em colocar a mão sobre a dela, ela fica em uma situação de distração em relação ao que foi apresentado da sua subjetividade por meio do corpo. É como se a mesma estivesse buscando fugir das consequências que podem ocasionar no futuro. É a transcendência em direção ao que deseja ser, ou seja, uma passagem que acontece do para-si que ela é para um para-si-em-si. Essa mudança a que o ser busca chegar, deixa claro a negação do passado, a facticidade que identifica aquilo que ela é de fato. “[...] ela escolhe como um ser que está prestes a escapar completamente da sua facticidade” (GOX, 2011, p. 128).

É neste sentido que compreende-se que a facticidade e a transcendência são importantes meios para a atuação do fenômeno da má-fé, pois é na medida em que o para-si cede espaço na realização de suas escolhas e conseqüentemente de suas responsabilidades, que busca através delas chegar a um transcendente.

Na ideia de quem pratica as ações, mesmo possuindo consciência de seus atos, age como se fosse a facticidade que estivesse atuando, sendo que a transcendência é quem já ocupa o espaço do indivíduo. É próprio do ser humano estar em contínua mudança ou transcendendo em direção ao que deseja ser, e é nesta relação que Sartre apresenta o ponto crucial da má-fé, quando se inverte o entendimento associado à facticidade, quando na verdade é apresentada a ação como transcendente.

O conceito de base assim engendrado utiliza a dupla propriedade do ser humano de ser *facticidade e transcendência*. Na verdade, dois aspectos da realidade humana que são e devem ser muito bem coordenados. Mas a má-fé não pretende coordená-los ou superá-los em uma síntese. Para ela, trata-se de afirmar a identidade de ambos, conservando suas diferenças. É preciso afirmar a facticidade como *sendo* transcendência e a transcendência como *sendo* facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma, deparar bruscamente com a outra. (SARTRE, 2015, p. 102, grifo do autor).

Há casos em que a transcendência se realiza em primeiro plano e em seguida a facticidade, como é o caso do garçom exemplificado pelo filósofo francês que retrata um modo de agir de má-fé que muito se assemelha com as realidades existentes da condição humana, em que o indivíduo busca fugir de sua própria natureza de ser, ou deixa de lado sua identidade e se personifica em outros seres, deixando de lado o seu “eu” e atribuindo em si as características pertencentes a outros sujeitos.

Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autônomo, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda sua conduta para ser brincadeira. (SARTRE, 2015, p. 105-106).

Observa-se que o garçom apresentado por Sartre age em suas ações de forma a negar a sua própria existência, é nesse aspecto que se compreende quando o indivíduo é um nada de ser, ou seja, é quando deixa de ser aquilo que de fato é, e busca atribuir ao seu ser um outro modo de agir por meio da má-fé. Esta busca de não ser o que é e querer ser o que não é caracteriza a realidade em que o indivíduo tenta deixar o seu para-si e se personifica em um em-si. Ou seja, a transcendência do sujeito é em direção ao objeto de ser, representado pelo filósofo como em-si. Tudo isso ocorre pelo fato de o homem não querer assumir as suas devidas responsabilidades diante das escolhas efetivadas ao longo de seu projeto existencial.

O termo brincar utilizado pelo pensador em questão remete ao fingir ser aquilo que o homem quer ser, em outras palavras, é tentar ser o que não se é, por isso, faz de sua vida uma brincadeira que não encontra sentido em sua autenticidade. É querer inverter as situações de para-si (homem), numa situação de em-si (objeto).

Com a nova identidade de ser, o garçom exclui seu ser, personifica-se em uma nova conduta totalmente baseada no fingimento. É nesse sentido, que se atribui ao garçom uma ação de má-fé, visto que para vivenciar tal fenômeno é preciso deixar o para-si e agir como em-si. Portanto, assumir a má-fé é viver sem a autenticidade, é negar a liberdade e jogar todas as suas causas no próximo e até mesmo querer enganar a si dizendo que tal ação foi causa determinante, por exemplo, de Deus.

É importante destacar que Sartre menciona outras situações em que o indivíduo age de má-fé e que em todas há sempre a tentativa de fuga da liberdade e do eu ou para-si, em direção a algo externo, representado pelos objetos ou em-si, que faz com que o homem busque se moldar a partir do em-si.

É perceptível que o homem precisa assumir sua condição de ser para não cair na má-fé, isso exige de cada um uma aceitação das realidades existentes na condição humana apresentada por Sartre: a liberdade absoluta, a angústia pelo peso da responsabilidade que possui em relação aos outros seres e por saber que é somente o indivíduo de forma particular que decide por seu projeto pessoal, visto que não há como atribuir aos outros as escolhas feitas de forma subjetiva.

Dentro desse contexto de não cair em má-fé, o homem nunca pode se julgar como alguém autêntico. A sinceridade é geralmente entendida como algo que se apresenta como verdadeiro, mas Sartre pressupõe de outra forma. Como explica o comentador Gary Gox (2011, p. 149): “[...] o projeto da sinceridade está na má-fé”. Mais um exemplo é apresentado pelo filósofo francês para ilustrar a ação da má-fé na forma de estereotipagem, em que o pensador menciona por meio de um homossexual que nega ser o que é. Mesmo em sua condição de ser, o homossexual busca fugir de seus desejos e ações que o levam a transparecer o que de fato é. Não aceitar a homossexualidade como algo particular da pessoa é não reconhecer a transcendência de sua conduta.

Encontra-se na figura do homossexual uma duplicidade moral de ser, visto que se apresenta de um modo para si e os outros, mas que de fato é outra coisa distinta: “o homossexual está em má-fé por causa de sua duplicidade” (GOX, 2011, p. 149). Ele se apresenta em seu módulo de ser como aquilo que não é, ou seja, apresenta-se como um heterossexual, sendo na verdade um homossexual. Outro personagem surge com um novo modo de estar em má-fé, representado na pessoa do amigo do homossexual que Sartre (2015, p. 95) denomina “[...] o campeão da sinceridade”. O amigo assume a sinceridade quando pede para o homossexual se declarar o que é, em vista de ganhar com tal decisão a liberdade, que é vista como limitada por não poder ser aquilo que de fato é. Esconder tal identidade é ao mesmo tempo encobrir a liberdade.

Assumir a homossexualidade seria, portanto, uma nova identidade de ser, reduzindo o homossexual a uma coisa por meio da sinceridade. “O campeão da sinceridade, na medida em

que almeja se tranquilizar, quando pretende julgar, e exige que uma liberdade, enquanto liberdade, constitua-se como coisa, está em má-fé” (SARTRE, 2015, p. 112). E ainda, “A sinceridade é um projeto de escape” (GOX. 2011, p.154). Esse escape é a liberdade, aquilo que o homem busca negar em detrimento de suas escolhas e responsabilidades. Portanto, a busca por uma autoidentidade é um percurso que o homem busca encontrar no seu projeto existencial, sendo que “A má-fé é impossível se o para-si fosse auto-idêntico”, (GOX. 2011, p. 158). Nisto se realiza a ação do homem ante suas vontades e escolhas, visto que a má-fé o acompanha em seus projetos e realizações na construção de sua personalidade de ser.

#### 4 CONCLUSÃO

A importância de conhecer aquilo que define o homem o faz refletir sobre as consequências de suas ações. São perceptíveis nos dias atuais as transformações que a sociedade enfrenta, sobretudo no campo existencial. A busca por uma identidade é colocada como uma grande discussão acerca do homem quando ele busca ser aquilo que não é próprio do seu ser. O Ser autêntico seria, então, um caminho para se viver de forma íntegra e responsável, reconhecendo em si mesmo o que cada um é. Seria, portanto, preciso assumir a própria condição humana e social para não se viver em um mundo baseado em puras fantasias e ilusões utópicas.

#### REFERÊNCIAS

- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução: Hélio Magri Filho. 3.ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.
- HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUCS, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. 24 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.